

C-005/67



P-206

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.-	206
LIV.-	01
PAG.-	01
FOL.-	05

Carimbo do S. C.

[Handwritten signature]

" O VARAL " - 67

de LEOPOLDO LIMA ✓

Autuação

Anexos:

PEÇA TEATRAL

Distribuição

LIVRE

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

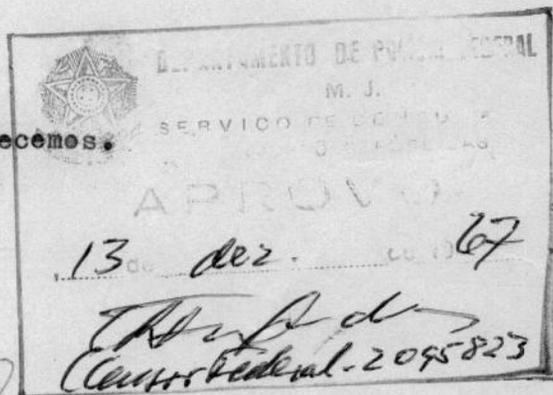
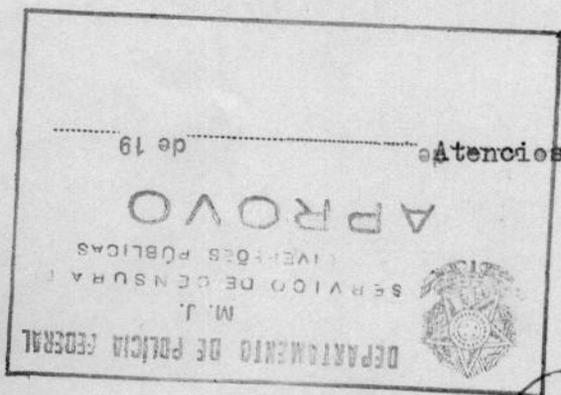
Exmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas.

Encaminhe-se ao A.C.D.B. do Brasil, nos termos da Portaria nº 768, de 31/10/67 em 5.12.67

Enviamos três (3) exemplares do texto da peça "O VARAL", de Leopoldo Lima, para exame e censura com fins de representação no Teatre Miguel Lemos.

Chefe da F.C.S.

005/67

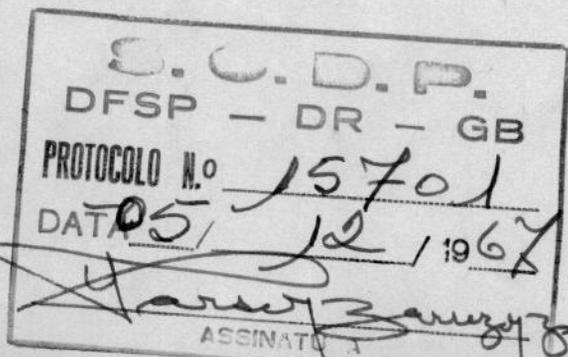


Leopoldo Lima

Leopoldo Lima — autor.

Fauzi Arap

Fauzi Arap — Diretor do Teatre Miguel Lemos.



Rio, de de 1967.

O V A R A L .

de



É mais fácil os objetos se amarem do que sêres que raciocinam. Impossível essa soma com o gênero humano. Às vezes dá três ou mais. Eu gostaria de me habitar onde os sêres humanos fôssem próprios e não copiados. Tentei ser mais os outros, no entanto forçaram-me a ser eu, isso que eu sou.

Eu me chamo Leopoldo Fioravanti Battisteti Lima. Depois de um certo tempo eu estranhei meu pai, por ter me colocado um nome tão longo assim. Então diminuí meu nome: Leopoldo Lima.

Nasci numa época de cansaço do mundo. Eu tenho preguiça de tudo. Tirei o diploma de Grupo com 17 anos. Porque a professora era minha prima. E deu, por solidariedade familiar. Porque eu não gostava de geografia e história... desde aquele tempo eu sabia que história era estória e geografia não me interessava. Eu gostava era quando ela lia Robinson Crusoe. Eu não via aquele momento.

Depois que eu tirei o diploma de Grupo, o meu maior desejo era ser marceneiro. Entrei numa oficina. Na Usina Junqueira. E logo assim que eu entrei eu já era meio oficial. Porque eu mesmo fazia os meus brinquedos e os das minhas irmãs. E o pessoal do lugar me escolhia sempre pra fazer os móveis. Porque eu fazia com amor. Uma perna de mesa eu fazia como se fôsse uma perna de mulher. Depois passou o tempo me convidaram pra ir pra ir pra Ribeirão Preto. Eu fui. Trabalhava de marceneiro e ganhava pouco. Eu sempre ganhei pouco. Então pra ganhar um pouquinho mais eu comecei a fazer lembranças da cidade, porque era época do centenário.

LIVRE

Fazia aquêles quadrinhos: minha sogra é um amor; hóspede é como peixe: depois de três dias cheira mal. Fazia umas privadinhas pequenas. Escrevia des lades: aqui termina a arte culinária --- aqui é o único lugar onde o funcionário público faz fôrça. Também não dava. Resolvi trabalhar de viajante, então. Vender aparelhos domésticos. Eu até ganhei umas taças, lá, como melher vendedor. Porque eu sabia enganar mais que os outros. Aí eu conheci minha mulher. Casei e me enresquei.

No dia de casamento, eu vi que minha mulher chamava Creusa Tangerina e eu Lima. Então pra mim colocar Creusa Tangerina Lima, eu achava que era errado. Porque ficava muita fruta pra um nome só. Peguei e cortei o Tangerina. Depois eu trabalhe com caixa de maçã e lá em casa ia virar um pomar. Que fruta só podia ser lima, porque lima é uma fruta doce mas se ficar mastigando muito tempe ela amarga.

Voltei a fazer lembranças em RP. Eu trabalhava e fazia essas lembranças em caixa de maçãs. É uma madeira gestosa, clara.

Um dia plainando uma assim, branquinha, branquinha --- queimei. Aquilo prêto, achei bonito. De repente eu tive a idéia de fazer es quadros. E comecei a fazer muitos quadros. Eu escrevia também. Mas ninguém dava bola, nem pres quadros nem pres centes.

Chegava em casa e falava pra minha mulher que aquilo era bonito. E era bom. Mas ela falava pra mim assim: "vecê pensa que vecê é um deus?" Eu fale: --- elha, eu não sou ~~deus~~ um deus, mas eu consigo fazer uns milagresinhos com essas caixas de maçãs. Agora se eu fôsse um deus, por exemplo, eu tirava isso que vecê tem na cabeça e punha um peuquinho de cérebro e consciência.

LIVRE

Reginaldo

Eu já expis aqui no Rio, já expus em São Paulo. Mas não gosto nem de Rio nem de SP. Eu só gosto de lugar que me dá ~~idêntica~~ idéia. Em SP eu tive idéia só pra um quadro, que se chamava: ILHA. É uma figura naquelas "ilhas" de bonde, e carro passando pra lá e pra cá. Aqui do Rio ainda não consegui uma idéia. Eu expus aqui em 65, em SP várias exposições. Eu num gosto de galeria. É um público muito chato. Depois também os donos de galeria. Eles não entendem de arte. Eles vêm um quadro e falam: — puxa, isso vai dar tanto. Eles exploram a gente. Na venda de um quadro eles cobram 40%, e depois tem a vernissage — a gente tem que pagar aquela bebida tôda praquêles idiotas ficarem bebendo às suas custas chegar em frente a um quadro e dizer: genial. Uma coisa falsa. Depois tem que pagar sêlo, convite, o diabo. No fim vende um quadro e fica de vende.

Então eu imaginei fazer um tipo de exposição diferente. Falei, eu vou fazer uma exposição na sargeta. Sargeta que é o fim de tudo, quase. Mas depois eu falei, não dá certo, porque eu escrevo atrás dos meus quadros e eles funcionam dos dois ~~lados~~ lados.

Uma noite eu tava lá, debruçada na minha janela. Uma janela de paquera, de telhado — e vi umas roupas assim estendidas. Eu falei, é a solução. Então eu cheguei um dia, na praça em RP, estiquei um arame e comecei a pendurar os quadros. Mas não parava ninguém. Eu falei; o negócio não vai dar certo. Mas depois eu pendurei uns dez quadros começou a parar. Então eu achei que o movimento deu certo. E esse lugar lá, apelidamos de "escritório" e fica todo mundo ~~ali~~ ali.

Foi numa dessas exposições lá na praça. Era de manhã — manhã madrugada — tava todo mundo bêbado. Chegou um cara meio baixinho, assim e começou a falar umas coisas. Eu simpatizei com ele. Ele se chama RUTENFORD. O nome dêle eu não sei direito. Rutenford foi um sujeito que era serve te de pedreiro, caiu do terceiro andar — e lata de cimento misturando

Rapôlo R

com êle. Caíu em baixo e rebocaram êle; Ele já não era certo e ache que
êle caiu de cabeça e ficou mais maluco ainda. Ele é uma mistura ~~de gênio~~
~~gênio~~ de gênio com mentecapto. Depois êle foi vender servete. E vendia
servete em frente um centre acadêmico de medicina. Eu ache que êle sem
pre teve mania de ciências — cientista. Então es estudantes pegaram
êle e puseram o apelido de ~~Ruten~~ Rutenford. Se tem um professor dando
aula, Rutenford aparece, es alunes colocam êle pra dentro da classe
ce aplausos. Então êle vai e ~~faz~~ faz uma conferência. O professor
sai.

Seopoldo P. S.

Passando a mão por novas rugas profundas, dá-se de encontro com jovens alegres. Assim do lado, uma só e triste. Adiante um velho cego pedindo esmola. Passa um sujeito muito bem vestido, e com o rádio portátil no volume alto. A notícia de que foi prêso um pedreiro que roubou cinco o ves. Num percebe-se o final da notícia porque seguimos caminhos opestes. Sento. À direita, um velho pensativo e arrependido. À esquerda, namora dos. Uma fileira de banco vazia. E êsse aqui — risco de canivete. Alguém com raiva fêz isso. Um ceração. Uma data superada. No chão te ces de cigarros. Fêlhas. Um palito de fósforo. Um papel de bombem. Gra ma. Flôres. Prédios. Acima dêle, o céu. Azul ao infinito. Aqui árvere. Nela pardais, cadê as alderinhas? Upa, uma cagadinha. Raspa a cabeça. Cai na calça. Pega uma fêlha, tira com cuidado. Fermidável, que é que será que êle ou ela comeu: um branco e um marrom carregado. Ê fer midável. Mas quê que eu vou segurar essa bestinha, se eu tenhô tan to problema na vida. Coloque atrás do banco com cuidado. Dá mais uma es piadinha e segue. Monumento. Cheio de heróis mortos. Heróis de quê? Os que morrem em campos de batalhas não são heróis, são vítimas. A guerra. A guerra é própria dos que necessitam dela.

Um relógio com três faces. Cada uma num horário. Tome um café. Fume um cigarrô oferecido. Aqui pessoas. A conversa gira em tôrno de dinheiro. São agiotas. Carros buzina a têda pressão. Que bela flor. É plástica. Um sapate: 50 mil cruzeiros. Olhe pro pé. A botina no fim. Uma beneca: 30 mil, fala mamãs, chora, ri, faz xixi. Um caminhãezinho dis tante.

Mas pera aí. Hoje foi meu pagamento. Eu ganho 80 mil. Desconto disse, desconto daquilo e daquilo outro. Resta 70. 50 eu deu pro dono da casa, o aluguel. 25 pro leite. Desgraçada, a mulher exagerou no leite êsse mês. Coitada têda noite ela me chora de dôr de dente. Eu falei que ia

Geopoldo de S.

arrancar todos. Eu tou sem roupa. Ela também. As crianças, sem calçado. Num tem feijão, gás. Acabou tudo. Se eu não pagar a luz, êles me cortam. Pera lá. Será que eu tou falando alto. Êles vão pensar que eu sou louco. Menino, quanto é o pirulito. Dez cruzeiros, me dá dois. Cietado. O tabuleiro tá cheio. Quatro buracos vazios. Mas se êsse pirulito custasse mais caro e se êle tivesse mais bem vestido. Porque tá todo rasgado. Um esqueleto que anda. Pego o ônibus. Dá cem cruzeiros pro cobrador, fica olhando a cara dêle. Esperando o trôco. Êle disse: "morreu a nota". Outra vez. Aumentou outra vez. Êle falou: "olha velho, lugar de bronca é na gerência e eu não sou dono dessa merda aqui".

Um sujeito lê os jornais. As notícias são as diárias --- periga a paz mundial: EUA --- arrazaremos Moscou; Rússia --- sumiremos com EUA.

--- o filho chegou em casa pra almoçar, não encontrou comida, matou a mãe.
--- jogaram 20 toneladas de farinha de trigo no rio.

que assaltava um supermercado.

--- você estuda?

--- estude

--- ~~quarta~~ que ano

--- terceiro

--- ah, tchau. Eu desço aqui.

Essas casas estão à venda. Dez milhões de cruzeiros. Quê que deu no bicho ontem. Águia. Eu joguei no viado. Olhe a minha casa. As crianças soltam papagaio, e dá vizinho. O meu brinca com tijolo.

--- quê que é isso aí.

--- um fenemê.

(eu sabia que era um fenemê)

--- quê que você vai pedir pro Papai Noel.

Êle falou: ~~um kart, grandão~~ "um kart, grandão".

--- me dá um beijo.

Fale: --- num beijo não, pêrce. Você tá com o nariz sujo. Me dá um abraço.

A minha filha vem saindo com uma garrafa enrolada num pano sujo. Eu num vou perguntar. Eu sri que é boneca.

— olha eu trouxe um pirulito pra você e um pra ela

— ô pai quando a nenem crescer, você vai trazer pirulito pra ela também.

Eu falei: mas claro qe eu vou trazer.

— quê que é claro

— claro? Você tá vendo o sol. Num olha pra êle. Êle tá muito claro.

Num dá pra mim te explicar. Agora é meio-dia, não tem sombra. Escure, são as noites que não tem lua. Tudo escuro. Você entendeu.

— não

— talvez entenda um dia. Ô, cobre a sua boneca. Ela tá com frio. E você vê se não rouba outro fenemê do vizinho.

Entre. No quarto, a caçula ri à tea.

— ô beleza.

A mulher interrompe: " a dona do bar tá falando pra todo mundo aí que você é um caloteiro".

— olha, você vai lá, pague. E diga a ela, que ela é uma galinha... que todo mundo sabe disse. Vai com todo mundo.

Pera aí, sua mãe diz que você é parecida comigo. Eu vou buscar um espêlho. Onde é que você é parecida comigo. Você tá careca, eu teu cabelo ficando. Seu cabelo nasce, e meu jamais. Teu tedé enrugado, você é lisa. Teu nariz é delicado, e meu é estúpido. Meu ôlho é prêto, e meu também. Em volta do seu claro, do meu escuro. Teu cheio de pé-de-galinha. Abre a bôca: você tem dentinhos, eu uns caquinhos. Você inicia, eu termino.

— seu vaidoso.

— eu teu vendo se ela se parece comigo.

— cínico.

Derme. O espêlho quebra. Virge, agora são sete anos de azar. Brince com as crianças. À noite, saio. Num sei o caminho a tomar. Pra baixo o clarão da ~~cidade~~ cidade, pra cima é escuridão da ~~cidade~~ mundo.

As crianças vão à porta e falam: volte. A menor engatinha.

Um bando de passarinhos passa cantando alegremente. Eles estão soltos. Olha esse aqui ~~como~~ como canta triste. Ele está preso e só. Mas mesmo que se ele tivesse com a fêmea aí dentro, ele cantaria triste. Porque ~~que~~ que o ato de ser pai é fácil. Eles entupiriam a gaiola de filhas. Mas cantariam tristes. Vamos soltar. Fala: "olha não pode ~~soltar~~ soltar. Porque se a gente soltar, ele tá preso há tempo e não saberá voar. Depois eles pegam rápido. Prendem novamente e também nos prendem em lugares separados."

Sentamos à beira de um lago artificial. Começamos a jogar pedrinhas. E apostamos pra ver quem jogava mais distante. Eu ganhei fácil. Porque eu sou homem e você é mulher.

Tá vendendo essa árvore, está ~~na~~ no chão. Eles derrubam a natureza, eles vão construir uma prisão. O muro será alto. E até já deram um nome: muro da liberdade.

Sentamos numa pedra. Demos as mãos. Mas tivemos que largar na hora. Pois o guarda que é pago para proibir e ameaçar, chegou.

Um passarinho bate no fio. Quebra a asa. Corremos para socorrê-lo. Peguei. Cai numa fossa de oito metros de profundidade. Em suas mãos uma corda de seis ~~na~~ metros, pôde no meio. Emenda depressa. Perde mais ~~na~~ meio metro. E eu afundo. A distância aumenta. Na minha perna esquerda uma cobra picou. Na minha cara, cheia de baratas. No olho, na cara, na boca.

— olha se você ficar nua, tirando a roupa, ~~na~~ emendando a corda eu alcanço.

Ela falou: "eu não posso. Porque eu tenho ~~na~~ esperança nos homens. Nesse instante eles correm com uma corda de cinquenta metros".

— mas não haverá tempo.

— depois eu não posso ficar nua perante todos, devido a moral.

— mas não existe isso.

Luiz Carlos de

--- pra você.

--- não, existe só no dicionário. Olha faz favor, ~~então~~ joga essa ~~pe~~ pe
dra em minha cabeça. Será um minuto a menos de sofrimento.

--- eu não quero ser assassina

--- mas já o é. Todos nós somos. Matamos o semelhante com prazer.

Não conseguimos ~~amar~~ amar.

Afunde. Os homens chegam. Laçam. Me tira pra fera. Os dois corpos mer-
tos. De homem e de pássaro.

A mãe abre a mãe. Ensanguentada. Sai chorando baixinho.

moça : vai num canteiro de flôres azuis, numa cruz rústica, escreve t
isso aqui jaz o amer-

Leopoldo de Almeida



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0114.p.12

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES.
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



N.º DE REGISTRO 005/67

TÍTULO ~~DE FOLHETO~~ DA PEÇA: - "O VARAL" -

~~EXIBIÇÃO~~ AUTOR: - LEOPOLDO LIMA -

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 13 de DEZEMBRO de 1968

Brasília, 13 de DEZEMBRO de 1967

LIVRE

Comando de [assinatura]
P/ Chefe do S. C. D. P.

CERTIFICADO N.º 005/67

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~.....~~
encontrei sob o n.º **005/67**, livro **01**, o registro de ~~.....~~ PEÇA
denominada **- "O VARAL" -**

~~.....~~

~~.....~~

~~.....~~ **AUTOR: - LEOPOLDO LIMA**

com ~~.....~~ **01** cópias, censurada em **13** de **DEZEMBRO** de 19 **67**

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido filme,
de acôrdo com o ~~.....~~

~~.....~~ **ITEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA Nº 11/67,**
FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, SEM
NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE. (LIVRE)

Brasília, **13** de **DEZEMBRO** de 19 **67**

SECRETÁRIO